

humanitas

Vol. IX-X

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HYMANITAS

VOLS. VI E VII DA NOVA SÉRIE
(VOLS. IX E X DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA
MCMLVII-VIII

Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas. Câmara Municipal
de Sintra, 1955. 30 pp..

Neste folheto, J. Fontes fala-nos da criação dum novo museu arqueológico.

Começando por expor as razões que levaram a Câmara Municipal de Sintra a aceder ao pedido feito pelo Instituto com vista à organização dum museu no concelho, lembra, ainda na pequena introdução, as personalidades que coadjuvaram na campanha de conservação das relíquias, afirma a antiguidade das mesmas, chamando a atenção para certas lendas e credices do povo, a elas ligadas, e informa como conseguir reaver alguns dos documentos que se consideravam perdidos e outros ainda inéditos, descobertos, a maior parte, na ermida de S. Miguel.

Esboça em seguida um «Guia do museu», em que, além de nos informar sobre os locais onde estão guardadas as lápides e restantes documentos, "se refere, mais ou menos pormenorizadamente, a alguns deles, fazendo algumas observações sobre data, tamanho, inscrições, etc..

Cita outras antiquilhas da região, pertencentes a todas as épocas, guardadas no museu e capela.

Sugere, finalmente, apoiando-se em vestígios comprovativos, que se façam escavações com o fim de procurar a necrópole romana.

Além da bibliografia, dum mapa com as localidades onde foram encontradas as relíquias arqueológicas, de duas gravuras (reproduzindo uma lápide e tampas de túmulos), o folheto apresenta no final o inventário do material recolhido, com a descrição, indicação da procedência e algumas observações sobre cada um dos objectos.

MARIA DE LOURDES RODRIGUES

HIPÓCRATES, Aforismos. Tradução e nota introdutória de Leduar de Assis Rocha. Prefácio de Gilberto Osório de Andrade. Recife, 1957. 127 pp. num. + bibliog. e índ.

Sabe-se que Hipócrates de Cós é considerado, muito justamente, o «Pai da Medicina», tantos e tais foram os sagazes e doutos princípios em que assentou a verdadeira arte, nesse distante período de quase cem anos, os que teria vivido entre os meados dos séculos v e iv antes de Cristo.

Contemporâneo de Péricles, de Fídias, de Sócrates, de Empédocles e de Platão, de Demócrito e de Aristóteles, Hipócrates de Cós seria o autor de muitos e variados textos médicos, desde o *Juramento* profissional aos célebres tratados das *Águas, dos Ares e dos Lugares, Epidemias, Preceitos, Dias críticos* e tantos outros, como os *Aforismos* (1), livro este de intenso domínio e influência na Medicina até princípios do século XIX (era então de uso ainda na Universidade de Coimbra).

Salientes no *Corpus Hippocraticum*, que assim se chama ao conjunto das obras do sábio de Cós, os *Aforismos* foram agora traduzidos para a língua portuguesa pelo Prof. Leduar de Assis Rocha, encarregado do Curso de História da Medicina na Faculdade de Medicina da Baía, Presidente do Instituto Pernambucano de História da Medicina e director e editor do «Jornal de História da Medicina». Assis Rocha é autor de curiosos estudos da especialidade, desde 1941: — *Velhos Médicos, Velha Medicina; História do Pronto Socorro do Recife; Padre Antonio Manuel Félix, Apóstolo dos Hansenianos de Pernambuco; Médicos, Cirurgiões e Boticas; Efemérides Médicas Pernambucanas; Evolução da Profilaxia da Raiva em Pernambuco*, etc. A edição dos *Aforismos* é do Arquivo Público Estadual, dedicada à memória do Prof. José Correia Picanço, activo fundador do ensino médico no Brasil (1808), natural de Goiana (de que foi depois Barão), então da Capitania de Pernambuco. O claustro coimbrão contou-o, durante quase vinte anos, como professor de Anatomia, digno e proficiente.

O volume é prefaciado pelo Prof. Gilberto de Andrade, um dos ilustres cooperadores da monumental e belíssima edição crítica de três obras clássicas portuguesas dos séculos XVII e XVIII, no campo da Medicina Tropical (2).

Na *Introdução* aos *Aforismos*, Leduar Rocha, que tivemos o prazer de conhecer no Rio de Janeiro, em Abril do ano transacto, traça uma biobibliografia de Hipócrates e da Medicina do seu tempo, em que se não vislumbra marca, directa ou indirecta, de clássicas obras sobre a matéria, de há trezentos e mais anos, até à grandiosa bilingue (grego-francês) de Emílio Littré, *Oeuvres complètes d'Hippocrate* (1839-1861), de que a Faculdade de Medicina do Porto possui um dos raros exemplares existentes em Portugal. Leduar Rocha apenas os cita, por informação de Castiglioni.

(1) Um excelente médico português, Luís de Lemos, teria publicado em 1584 (seg. Chinchilla), em 1592 e 1595 (seg. Barbosa Machado) um estudo crítico sobre as obras de Hipócrates e sua legitimidade, com o título *De optima praedicendi ratione libri VI — Iudicium operum magni Hippocratis*.

(2) Intitula-se *Morão, Rosa & Pimenta. Notícia dos três primeiros livros em vernáculo sobre a Medicina no Brasil. Estudo crítico de Gilberto Osório de Andrade*, etc., Pernambuco, 1956.

No seu trabalho de tradutor, sem dúvida meritório e arrojado, o ilustre investigador recifense não teve à mão, ao que parece, qualquer dos textos dos *Aforismos*, individualizados ou em colecção. E são tantos, inúmeros, da autoria comentarista de Mercurial, Foës, Comário, Fuchs, Valésio, o português Cristóvão da Veiga, Heurnio, Holler, Knoblóquio, Sardiano, Esclano, Trivério, Cardano, Rieger, Verhoofd, Pasta, Janson, Leoniceno, Van der Linden, Hecquet, Leone, Gorter, Bosquillón, Haller e tantos outros, como os que os editaram em verso : Luisino, Ellinger, De Conde, Provanquério, Gânsio, Spaan, Dionisio, Estúrnio, Dubrávio, para não citar mais.

Sem estes compêndios Leduar Rocha conseguiu, todavia, recompor um texto dos *Aforismos*, juntando os excertos que em teses de licenciatura inseriam os finalistas médicos brasileiros e completando-os com os de uma edição francesa de nossos tempos, de Daremberg, que também possuímos (juntos aos aforismos de Salerno ou *Regimen Sanitatis*), talvez a edição de 1943 (Paris), edição essa que não pode igualar a de Littré, considerada a melhor até hoje (os *Aforismos* encontram-se no vol. iv, de 1844).

Da biografia e das obras hipocráticas se têm ocupado, além de Littré, em nossos dias, algumas das mais distintas figuras da História da Ciência, como H. Sigerist, A. Castiglioni, A. Mieli, W. Jones, Richard Kafferer, Jorge Sticker e tantos mais.

Do *Corpus Hippocraticum*, já citado (L. Rocha chama-lhe *Corpus Hipocraticus*), sobressaem, como dissemos, os *Aforismos*, de que estamos a preparar nova edição lusa, a que aludiremos a seguir. Dizemos nova, porque a primeira em língua portuguesa não é, como diz o Prof. Rocha, aquela a que se abalançou e levou a cabo, no Recife, mas outra de 1762, da autoria do médico lisbonense Francisco Daniel Nogueira, que temos aqui ao pé deste papel. Primeira no Brasil e primeira brasileira, sim, que o é, a edição de Rocha: mas em língua portuguesa já tínhamos uma em Portugal, há quase duzentos anos!

O seu título é como segue:

HYPPOCRATES LUZITANO, / OU AFORISMOS DE HYPPOCRATES / Traduzidos fielmente do Latim para o Idioma Portuguez. Obra util, e necessária a todo o genero / de Pessoas, que dezejaõ instruir-se na verdadeira, / e genuína intelligencia das sentenças do primei-/ro, e maior Mestre da Medicina. / E principalmente para os Cirurgioens que ignoraõ / a Lingua Latina; pois lerãõ explicados no seu / proprio Idioma por modo claro, e succinto aquel-/les mesmos textos, que primeiro compoz em Gre-/go o seu Author. / PARTE PRIMEIRA. Que offerce, e dedica / Á Virgem MARIA Nossa Senhora no seu singula-/rissimo titulo das

DORES / FRANCISCO DANIEL NOGUEIRA / Med. UÍSS. / LISBOA, / Na Offi-
ciã de Pedro Ferreira, / Impressor / da Muito Augusta Rainha N. S. /
Anno de 1762.

Embora não tenhamos ainda absoluta certeza das fontes que serviram a Nogueira parece-nos que as encontraríamos nas edições de João de Gorter (Pádua, 1757) ou de Lucas Verhoofd (Lião, 1675).

O ilustre Professor Leduar Rocha desconhecia a obra do nosso setecentista, sobre a qual o rigoroso director da «Gazeta Literária» Francisco Bernardo de Lima, deixou nela agradável crítica (pp. 22 e seg., Março de 1762), dizendo, depois de apontar alguns senões de somenos valor: «enriquece a língua Portuguesa com a tradução de um opúsculo, que granjeou para o seu Autor uma glória imortal».

Creemos que a notícia desta primeira edição dos *Aforismos* em língua portuguesa será grata ao ilustre médico permanbucano e infatigável historiador da Medicina. Esta será a obra que o Centro de Estudos Humanísticos vai reeditar em breve, na sua colecção *Amphitheatrum*.

*

Na Introdução referida, Leduar Rocha expõe algumas indispensáveis notas e esclarecimentos interpretativos de certos passos mais obscuros dos *Aforismos*, identifica com o vocabulário actual alguma da terminologia antiga, presta outras informações não despidiendas sobre essas velhas sentenças médicas que distribui por sete partes ou secções — a maioria dos autores clássicos apresenta oito (como Nogueira), contando-se, deste modo, cerca de uma vintena mais de aforismos.

Enfim, parece-nos ajustado expor, em alguns exemplos, quanto é difícil a selecção de um entre vários textos que sirva convenientemente a qualquer tarefa tradutorial. Seguem, para justificar o asserto e, também, para esclarecer o assunto desta recensão, meia dúzia de provas, todas referentes àquele primeiro aforismo:

Littré (ed. de 1844): — La vie est courte, l'art est long, l'occasion fugitive, l'expérience trompeuse, le jugement difficile. Il faut non seulement faire soi-même ce qui convient, mais encore faire que le malade, les assistants et les choses extérieures y concourent.

Dar ember g (ed. de 1943): —La vie est courte, l'art est long, l'occasion est prompte à s'échapper, l'empirisme est dangereux, le raisonnement est difficile. Il faut non seulement faire soi-même ce qui convient, mais encore être secondé par le malade, par ceux qui l'assistent et par les choses extérieures.

Leduar Rocha (1958): —A vida é curta, a arte é longa, a ocasião fugidia, o empirismo perigoso, o raciocínio difícil. Não só é mister que se faça aquilo que convém, como ainda que se seja secundado pelo doente, pelos que o assistem e pelas cousas exteriores (L. R. segue mais fielmente a versão de Daremberg).

F. *Daniel Nogueira* (1762):—He breve a vida, extensa a Arte, precipitada a ocasião, perigosa a experiencia, e difficultozo o juizo. Não basta só, que o Medico faça a tempo oportuno, o que da sua parte estiver, mas he necessario, que tambem concorrão o doente, os assistentes, e as mais couzas exteriores.

Do mesmo (texto latino) : — Vita brevis, ars longa, occasio celers, experimentum periculosum, judicium difficile. Oportet autem non modo se ipsum exhibere, quae decent, facientem, sed etiam segrum, & praesentes, & quae exteriora sunt(1).

Para cotejo, que dispensa mais comentários, damos o texto grego de que se serviu Littré: — «'Ο βίος βραχύς, ή δέ τέχνη, ό δέ χαιρος οζύς, ή δέ πείρα σφαλερή ³ή δέ κρίσις χαλεπή .Δει δέ ον μόνον έωντόν παρέχειν τά δέοντα ποιενντα, αλλά και τον νοσέοντα, και τούς παρεόντας, και τά εξωθεν.

Embora possa enfatiar, cremos ser também curioso dar três das muitas versões do 1.º aforismo hipocrático, para se avaliarem as respectivas diferenças, embora não de fundo:

- a) Edição poética (*ver su heroico*), de J. Bapt. Condé, Lo vaina, 1781:

Ars longa est, & vita brevis, occasio praeceps,
Iudicium quoque difficile, experientia fallax,
Nec proprio Medicum satis est bene munere fungi,
Ritè suo jussus pariter nisi fungitur aeger,
Astantesque suo, sintque externa ritè parata.

- b) Edição de Jac. Holler, 1620, Paris:

Vita brevis, ars longa, occasio volucris, periculosa experientia, judicium difficile. Nec vero satis est medicum suum fecisse officium, nis, suum quoque aegrotus, suum astantes saciant, sintque externa ritè "comparata.

(1) É reprodução exacta dos textos citados de Verhoofd (1675) e Goster (1757).

c) Edição de André Pasta (1), 1808, Coimbra:

Vita brevis, ars longa, occasio praeceps, experimentum periculosum, iudicium difficile. Nec solum se ipsum praestare oportet opportuna facientem, sed et aegrum, et assidentes, et exteriora (2).

Para terminar, aqui ficam os nossos cordialíssimos cumprimentos ao primeiro tradutor dos *Aforismos* de Hipócrates no Brasil, Prof. Leduar de Assis Rocha.

Luís DE PINA

Anacreon edidit BRUNO GENTILI. [Lyricorum Graecorum Quae exstant : II, 3.] Romae in Aedibus Athenaei, MCMLVIII. — Em contra-rostro : BRUNO GENTILI, **Anacreonte**. Introduzione, testo critico, traduzione, studio sui frammenti papiracei. Roma, Edizioni dell'Ateneo, 1958. xliiii-219 pp.

Vive ainda a filologia clássica! Tome-se este livro, percorram-se atentamente algumas das suas páginas — e a exclamação brotará espontânea, irreprimível. Raras vezes, de facto, uma edição crítica nos dá, como o *Anacreonte* de Bruno Gentili, um sentimento tão profundo de satisfação pelo rigor do método empregado, a propriedade e elegância da forma adquirida, o esmero da apresentação gráfica.

Tudo é provisório, tudo instável na recomposição do texto dos líricos arcaicos: mas esta longa fadiga do mestre italiano não será baldada — antes dela partirão, de ora avante, como peça essencial da sua documentação, os estudiosos do primeiro poeta que soube fundir «as novas formas dionisíacas de vida com o ideal antigo da χάρις e da ἀβρότης iónica» (p. xxivj. Em primeiro lugar, porque a sua edição

(1) Deste ilustre médico de Bérgamo, que viveu de 1706 a 1782, existem comentários aos *Aforismos* de Hipócrates em edições de 1750 e 1841.

(2) Este primeiro aforismo tem sido referido e glosado fartamente, em todos os tempos. O médico português Manuel Gomes escreveu *De que el aforismo primero de Hipocrates vita brevis... sirve a la milicia como a la medicina* (1643); e Adalberto Pazzini, professor de Historia da Medicina em Roma, publicou em 1953 um valioso *Commento al primo aforismo d'Ippocrate* («Minerva medica», 1, 21).